



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FÁBIO SANTOS DE SOUZA

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: Experiências de Estágio Supervisionado

GUARABIRA/PB

Mai de 2016

FÁBIO SANTOS DE SOUZA

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: Experiências de Estágio Supervisionado

Trabalho apresentado como requisito necessário à aprovação no Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB– Campus III, sob orientação da Prof^a Luciana Calissi, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

GUARABIRA/PB

Mai de 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719r Souza, Fábio Santos de
Reflexões sobre o ensino de história: [manuscrito] :
experiências de estágio supervisionado. / Fábio Santos de Souza. -
2016.
27 p.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2016.
*Orientação: Profa. Ms. Luciana Calissi, Departamento de
História*.

1.Estágio. 2.Ensino de história. 3.Formação Docente. I.
Título.


21. ed. CDD 374

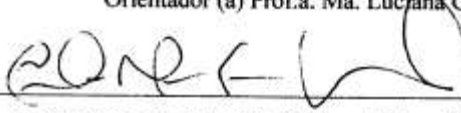
FÁBIO SANTOS DE SOUZA

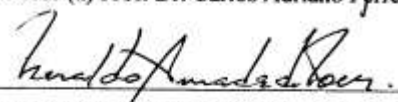
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: Experiências de Estágio
Supervisionado

Trabalho apresentado como requisito necessário à aprovação no Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB– Campus III, sob orientação da Profª Ma. Luciana Calissi, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Aprovado em 18 / 05 / 2016


Orientador (a) Prof.ª Ma. Luciana Calissi


1ª Examinador (a) Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima


2ª Examinador (a) Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

Agradeço aos Meus Pais e Esposa.

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexão sobre o ensino de História a partir de minha experiência como estagiário do curso de História desta instituição. Discuto a importância do Estágio Supervisionado para minha formação como professor, e levanto questões sobre o que e como ensinar História a partir dos meus conhecimentos teóricos e minha vivência no espaço escolar. Enfim, falo sobre minhas descobertas como licenciando em História.

Palavras-Chave: Estágio. Ensino de história. Formação Docente.

SUMÁRIO

1- Introdução_____	08
2- A Formação Docente_____	10
3- Espaço Escolar_____	13
4- O/A professor/a e as transformações no processo de Ensino de História. ____	18
5- O estágio supervisionado. _____	20
5.1. Caracterização da turma de Ensino Fundamental II_____	20
5.2. Análises da prática de Estágio_____	21
6- Considerações finais_____	26
7- Referências_____	27

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a experiência de estágio docência vivida durante a minha formação no período de Maio a Agosto de 2014, para professor de História nesta instituição. Tem como finalidade apresentar as atividades de estágio desempenhadas na Escola Municipal João Paulo II, em Bananeiras, no turno da tarde na turma do 9º ano do Ensino Fundamental. Esta experiência me levou a refletir sobre a realidade da sala de aula, e desta forma entender as metodologias adotadas para prática do Ensino de História.

Durante a nossa formação buscamos constantemente compreender a importância da relação entre teoria e prática, onde não apenas sejam repassados conteúdos, mas que possamos junto aos nossos alunos e alunas construirmos novos significados e conhecimentos. Esta prática docente nos favorece a descoberta de novos saberes, sendo um processo dinâmico na perspectiva da aprendizagem, dentro de situações reais, ou seja, do contexto da sala de aula.

Entende-se por estágio supervisionado o exercício pré-profissional em que o estudante desenvolve, em organizações conveniadas, os conhecimentos teóricos adquiridos no curso e toma contato com as atividades práticas de sua área profissional. A primeira etapa das atividades de estágio configura-se em uma observação do ambiente ou campo de estágio, onde se percebe a rotina, cotidiano e as estruturas da escola oferecidas aos estudantes. Estas observações podem ajudar, na segunda etapa, a Regência, a elaborar junto com o professor da escola, que se pretende um mediador do conhecimento histórico, dinâmicas com fontes alternativas e recursos didáticos, como fontes documentais, internet, filmes e o próprio livro didático adotado pela escola.

Em minha trajetória discente, percebi que estudar e ensinar História é criar a possibilidade de buscar explicações para as ações dos seres humanos, no passado e no presente. É como viajar por outros tempos e espaços tentando compreender o caminho percorrido, levando em consideração os processos sociais, econômicas e culturais ao longo do tempo e de hoje. Sob esta perspectiva, um questionamento sempre me seguiu. Mas como construir os conteúdos disciplinares de maneira consciente, criativa e eficiente, visando à formação de educandos críticos e atuantes no processo de aprendizagem? Para melhor responder essa questão tentei relacionar teoria e prática nas aulas ministradas na escola, levando em conta o conhecimento prévio dos alunos; assim, pude entender melhor a realidade

em que estavam inseridos e ampliar o dialogo entre novos conhecimentos e reconstruir conceitos antes dispersos.

Para tentar apresentar estas experiências e inquietações, este trabalho então se divide em 4 tópicos principais. No primeiro, discuto a formação docente e a importância do Estagio Supervisionado para esta formação e, conseqüentemente para a minha formação como professor de História. Em um segundo momento apresento a estrutura das escolas fazendo reflexões acerca do que caracteriza a instituição de ensino e seu reflexo no processo de aprendizagem e por fim, faço uma discussão, a partir de referenciais teóricos sobre a minha prática como estagiário, analisando até que ponto consegui responder à questão central acima colocada.

1. A Formação Docente

Compreendendo que o professor e/ou a professora de História deve desempenhar atividades teórico-práticas para a construção de conhecimento, não se pode pensar um ensino fora de uma situação concreta do cotidiano em que os sujeitos estão inseridos, pois o ensino deve voltar-se para a realidade que o aluno/a está imerso/a, caso contrário poderá não ter nenhum significado. Pois a História não é um instrumento de reprodução de conhecimento, mas de construção de saberes.

Dessa forma, os professores e as professoras de História precisam constantemente dialogar com novas abordagens e metodologias de ensino capazes de proporcionar aos alunos e às alunas outros horizontes, que possibilitem construir o próprio conhecimento. Deve-se, pois, reorganizar maneiras de se ensinar a História, fazendo com que os alunos e as alunas não enxerguem o conhecimento como algo pronto, mas proporcionando a estes a possibilidade de refletir e intervir em ações do seu cotidiano, dando-lhes condições para que possam perceber-se como cidadãos e cidadãs ativos na nossa sociedade. Nesta direção, FONSECA nos coloca que

(...) o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile e, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de várias formas (2003, p.71).

A profissão docente precisa combinar sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais, daí que para melhorar a nossa formação como profissionais é necessária uma visão interativa, isto é, não uma visão apenas teórica ou apenas e exclusivamente prática, mas uma relação onde ambas se complementem. É nesta busca de melhor qualificação para nós formandos (a) para atuarmos na realidade da sala de aula, que estas reflexões são importantes. Segundo Libâneo, “a formação profissional implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pelas experiências práticas e a ação prática orientada teoricamente.” (1994, p. 27),

O Estágio, portanto, deve ultrapassar as atividades técnicas e burocráticas (Visitas, Termos de Compromisso, Avaliação, Relatórios). Estas atividades são importantes, mas não deve se limitar a isto; segundo Pimenta e Lima, o estágio deve e pode

[...] ser um espaço de convergências das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso [...]. Os conhecimentos e as atividades que constituem a base formativa dos futuros professores têm por finalidade permitir que estes se aproximem de instrumentos teóricos e metodológicos para a compreensão da escola [...]. (2001, p. 102)

É perceptível, nessa postura do professor da Prática de Ensino, o incentivo para que o estagiário vivesse a reflexão-na-ação, durante o estágio, concebido como *locus* propício para a produção de conhecimentos, conforme Pimenta e Lima (2004). Assim, o licenciando em História deve planejar seu estágio neste sentido. Ou seja, preparar aulas significativas, que relacionem os conteúdos com a vida do aluno – passado – presente -, mas sem perder de vista a autoavaliação, ou seja, refletir sobre a ação e reelaborar a relação teoria e prática.

Para que o professor e/ou a professora possam construir um conhecimento significativo para seus alunos e alunas é necessário que os docentes associem e problematizem os conteúdos; o que isto quer dizer? Construir um diálogo entre o passado e o presente levando em consideração o saber histórico produzido e outras formas de saberes, como o saber prévio do aluno podendo assim sempre reorganizar os conteúdos e melhorar a comunicação na sala de aula.

É a passagem do “saber sobre” para o “saber como”, um momento de validação do aprendizado teórico e prático em confronto com a realidade. Nesse sentido o professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber-fazer, o saber fazer bem. Para isto, o professor e, neste caso, o licenciando de História, precisa passar por experiências, vivências que iniciem esta aprendizagem do ensinar-aprender. Neste sentido, o Estágio é muito importante.

O Estágio é o primeiro contato com a escola e com a comunidade escolar. É através dele que temos o primeiro contato com a realidade da sala de aula, sendo um espaço de construção de aprendizagens significativas no processo de formação.

Dessa forma, é o momento que possibilita a interação mais próxima com a realidade onde atuamos, propiciando reflexões a respeito da mesma. Nos instiga a também nos assumirmos como sujeitos da produção do saber, onde ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar a possibilidade para a sua/nossa produção/construção. Entendo que, as diferenças na

forma de olhar para os professores estão pautadas em formas diferenciadas de perceber a função docente que pode ser numa perspectiva de construção de um mundo mais humano e solidário.

Foi a partir destes pressupostos teóricos do Estágio e de meus aprendizados teórico-metodológicos em História (operações e conceitos historiográficos e estratégias de construção de conhecimento), que tentei desenvolver meu estágio que apresento neste momento. Em certa medida, consegui efetivar o que se apresenta aqui como perspectivas importantes para o licenciando em História. Percebi que a sala de aula não é apenas o espaço onde se transmitem informações, mas o espaço onde se estabelece relações não só com os alunos, mas com todos os membros do espaço escolar e a comunidade em volta da escola.

2. Espaço escolar

Sabemos que o espaço físico da escola é muito importante, pois é lá que os alunos (as) passam parte de suas vidas, não apenas para receber informações, mas para aprenderem a transformar essas informações em novos conhecimentos. Portanto o espaço físico e estrutural de uma escola deve ser organizado de modo que atenda as necessidades sociais, cognitivas e motoras do aluno (a) que ali frequenta, possibilitando a estes uma aprendizagem significativa.

Atualmente a estrutura física da escola João Paulo II dispõe de uma sala da diretoria, onde o diretor e seus adjuntos fazem a administração da escola; uma sala para a secretária, onde organizam a documentação dos alunos; a sala dos professores (as), um espaço onde estes (as) conversam e trocam experiências, portanto, importante para a construção dos objetivos; além de uma cantina, um pátio coberto, salas de aula, biblioteca e um laboratório de informática.

Quando estive na sala dos professores percebi que entre eles há uma troca de informações sobre alunos com dificuldades de aprendizado ou problemas com turmas específicas, ou com alunos com mau comportamento. Quanto às discussões mais didáticas ou de área, me pareceu que ocorriam quando a coordenadora pedagógica solicitava destes professores projetos para turmas com dificuldades ou outros. Descobri nesta sala de professores por exemplo, que tinha sido aprovada uma Lei orgânica do município de Bananeiras que obriga professores da área de História ministrar aulas sobre a História do Município; a coordenadora cobrava então, a aplicação desta lei junto aos professores.

O pátio coberto, é onde os alunos se encontram nas horas livres, e também compreende um espaço de aprendizagem. Além disto, há na escola quinze salas de aula, as quais têm um bom tamanho - espaço para o desenvolvimento das atividades, porém apresentam como problema a ventilação e a proximidade com o pátio onde muitas vezes o barulho vem e interfere no desenvolvimento das aulas.

Há também laboratório de informática, que apesar de disponível na escola, vem enfrentando problemas com a manutenção dos computadores, fazendo com que muitas vezes os alunos (as) não possam usufruir desses como um recurso facilitador do processo de ensino-aprendizagem; uma biblioteca que contém um acervo de poucos livros, e apresenta problemas na conservação dos livros e sua organização; uma cantina, pequena onde os funcionários tem dificuldade na hora da produção da merenda devido ao seu pouco espaço, uma sala de vídeo, onde os professores (as) a utilizam como um recurso para o desenvolvimento do

conhecimento de seus alunos (as). Assim, ficou para mim evidente que o espaço escolar compreende também recurso para ensino-aprendizagem.

No setor administrativo, a escola possui três diretores, sendo um por turno e três vice-diretores, onde dividem a responsabilidade de organização da escola, dois inspetores que auxiliam na manutenção da ordem na escola para que os alunos não fiquem nos corredores sem assistir aula. No apoio técnico a escola conta com uma supervisora, que auxilia os 26 professores (as) no seu trabalho diário e no melhoramento de suas aulas, para que juntos sejam facilitadores e orientadores dos alunos (as) na construção de seus conhecimentos.

Esta escola, onde tive a oportunidade de estagiar, tem um corpo docente experiente e formado não só em suas respectivas áreas de ensino, mas também em pós-graduação como especialização e mestrado, atendendo da melhor maneira possível as necessidades educacionais exigidas no ambiente escolar. Um espaço adequado ajuda um corpo docente bem preparado desenvolver melhor suas funções. Assim, a escola é um espaço muito além de suas estruturas físicas, um espaço que pode influenciar/conduzir seus alunos (as) e professores para o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma para a estruturação e organização do espaço escolar devemos, nós professores (as) levar em conta a atividade que iremos executar naquele espaço, para que possamos proporcionar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem de forma adequada e coerente com os objetivos propostos com o conteúdo abordado.

Além da estrutura física com utilização de novos recursos disponíveis e de uma proposta de ensino atualizada, a escola tem um outro desafio, a conquista de parcerias dentro e fora da instituição. A relação da escola com os demais agentes da educação – além do professor/a, como funcionários, pais e responsáveis, enfim, comunidade, deve ser de parceria e complementaridade no processo de produção do conhecimento que tem o aluno (a) como protagonista. Porém, no cotidiano, esta parceria encontra muitas vezes dificuldades.

Na escola em que estagiei, em parte percebi que isto se efetiva. Por exemplo, a relação, professor – direção e professor-coordenação, busca esta parceria no diálogo e nas cobranças. Mas já em relação aos pais as coisas se complicam. Muitas vezes, os pais, mães ou responsáveis, não compreendem muito bem o papel da escola, e a escola, por sua vez, precisa reelaborar sua relação como os pais de sua comunidade. Este assunto seria longo e seria discutido em outro espaço. Mas foi importante para eu perceber como todas essas relações são complexas.

A escola não pode ser considerada como um espaço fechado, não é um ambiente onde são transmitidos apenas conteúdos prontos, acabados e absolutos, é um espaço onde se busca

a participação dos alunos e das alunas como sujeitos da sociedade, que através de novos conhecimentos eles possam transformar a realidade em que estão inseridos, sejam dos espaços sociais do trabalho, das profissões, das múltiplas atividades que estes possam vir a realizar.

Ela deve deixar de ser reprodutora transmissora de conteúdos, passar a atuar no processo de ensino-aprendizagem dando-lhes novos significados, reelaborando conhecimentos e possibilitando a (des)construção de conhecimentos para as gerações presentes e futuras. Seu objetivo é iniciar os alunos e alunas, para que eles, com os recursos que a escola e o professor oferecem, produzam a compreensão do objeto de estudo em vez de recebê-lo já pronto.

A escola assim articulada e inserida no contexto social dos alunos e alunas trabalha para diminuir as distâncias entre os espaços sociais e assim preparar estes da melhor maneira possível para agirem diante da sociedade em que se inserem, a desenvolverem uma consciência ativa e crítica de sua realidade, onde possa transformá-la e melhorá-la. Um espaço onde surjam novas ideias, no sentido da busca pelo conhecimento, onde desperte o interesse em aprender. “Onde o conhecimento não é mais percebido como algo estático, como um conjunto de informações e materiais inertes, para ser absorvido passivamente” (SÔNIA, 2009, p. 87).

Dessa forma a tarefa principal da prática educativa-crítica na escola é dar condições para que os alunos (as) em relação uns com os outros junto ao professor (a) se assumam como ser social transformador e criador e não apenas observador dessa prática. “O professor atua no sentido de transformar o ambiente para que os alunos, sujeitos da aprendizagem, também se transformem” (SÔNIA, 2009. p. 55).

Além disto, as mudanças sociais e o avanço tecnológico que vêm ocorrendo rapidamente nos dias atuais e na sociedade como um todo, requer da escola uma atuação que acompanhe essas modificações e que possa utilizar essas transformações no processo de ensino-aprendizagem dando novos significados aos conteúdos e aproximando a escola a realidade dos alunos e alunas.

Assim ao observarmos a escola devemos enxergar que essa, não é só espaço moldado pelas antigas tecnologias como as lousas e o giz, mas um espaço onde as novas tecnologias como Datashow, salas de vídeo estão presentes em seu ambiente, seja através de alguns professores (as) que o utilizam em suas salas de aulas ou através dos alunos (as) que utilizam diariamente a internet, o celular, acessando essas tecnologias e assim se introduzindo no ambiente escolar. Dessa forma: “As tecnologias, dentro de um Projeto Pedagógico inovador, facilitam o processo de ensino-aprendizagem” (SALGADO, 2008, p 127).

E cabe ao professor (a) no ato de planejar suas aulas, selecionar aquele que mais possa auxiliá-lo no desenvolvimento do conteúdo e ainda contribuir para o aprendizado do aluno (a). Para isso, é importante que o professor (a) não conceba ao material selecionado, o papel de elemento ilustrativo, mas sim, de um instrumento que possibilitará a efetivação da aprendizagem. Vale destacar que o uso de recursos didático-pedagógicos colabora muito com as aprendizagens significativas, no entanto, é preciso compreender que os recursos não substituem a ação do professor (a), mas uma vez utilizados servem de apoio ao processo de ensino e aprendizagem. O professor (a) por sua vez continua sendo o provocador, o facilitador e orientador desses alunos (as) na construção e reconstrução do conhecimento.

No ensino de história esses recursos didático-pedagógicos, contribuem e muito para aumentar a participação dos alunos (as) no processo de ensino-aprendizagem, estimulando-os a desenvolver atividades de pesquisa vinculadas ao ensino de história, bem como para fazer do professor um orientador, e não proprietário do conhecimento. Pois o professor (a) ao inserir em suas atividades docentes diferentes recursos pedagógicos com o propósito de transformar e melhorar qualitativamente o processo de ensino-aprendizagem do aluno (a) a oportunidade de participação efetiva no processo ensino-aprendizagem. O conteúdo passa, então, a ser construído coletivamente com ênfase no crescimento individual e na socialização.

O ensino ativo permite que o aluno (a) desenvolva a sua capacidade de ser crítico, de se expressar, de questionar, de criar e ter uma autodisciplina nas tarefas escolares, contribuindo para que da atividade individual parta para a construção coletiva. Assim a escola deve produzir um ensino que desenvolva o conhecimento dos alunos (as), unindo o ensino e a pesquisa, dando oportunidade ao aluno a aluna questionar o objeto abordado, e refletir sobre esse, para assim ser produzidos novos conhecimentos e não somente reproduzidos.

Várias são as contribuições dos recursos didático-pedagógicos, pois os recursos de multimídia, fotografia, vídeo, imagens, filmes, quando usados corretamente, constituem-se em ferramentas de apoio para a apresentação, construção e transmissão do conhecimento histórico já produzido, possibilitando novas formas de apreensão, uma vez que estes recursos áudio visuais despertam a atenção dos alunos (as), tornando-os mais interessados e contribuindo para a melhoria da aprendizagem, estabelecendo uma relação de interação com o conteúdo entre professor (a) e os alunos (as).

A escola João Paulo II forneceu DVD, TV, Datashow, que tive a oportunidade de utilizar em minhas aulas, na apresentação de vídeo-documentário sobre a Segunda Guerra Mundial e fotografias do livro didático do período. Procurei desenvolver o conhecimento de forma diferente do que os alunos (as) estavam habituados me fazendo tirar “vantagem” da

situação, quer dizer, utilizei esse elemento surpresa no qual os alunos se interessaram para envolvê-los nas aulas e no assunto abordado.

As novas tecnologias passaram a ser valorizadas na escola principalmente devido à demanda dos próprios alunos que têm cada vez mais acesso a elas e delas fazem questão. Além disto, as novas abordagens historiográficas que passaram a conceber como documento ou fonte histórica os diversos tipos e suportes de registros humanos contribuíram para que o ensino de história se modificasse na atualidade, ou pelo menos, tentasse se modificar.

A inquietude sobre o que seria um ensino de história atualizado, ou quais as modificações necessárias para se construir o conhecimento histórico de maneira consciente, criativa e eficiente, se faz presente. Para tentar buscar alguma resposta, em um primeiro momento, exponho rapidamente sobre as novas abordagens históricas e seu reflexo no ensino de História, e em seguida, passo a relatar e analisar minhas experiências à luz de todas estas discussões aqui colocadas.

3. O/A professor/a e as transformações no processo de Ensino de História.

Assim como o mundo e a escola, o Ensino de História ao longo das últimas décadas vem passando por várias transformações. Surge um novo olhar sobre a história, onde a história tradicional, que visava prioritariamente legitimar e justificar propostas ideológicas específicas de um contexto começa a dar espaço à história além dos grandes heróis, novas abordagens com novas fontes de pesquisa, construindo novos olhares para o entendimento da história, onde, “a base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída” (BURKE, 1992. p.11).

Nesse momento é importante destacar as contribuições da nova história, pois por meio dessa, podemos constatar a ampliação das temáticas a serem observadas e analisadas como objeto de estudo no ensino de história, não descartando também a abertura para possibilidades de novos documentos e novas abordagens historiográficas (BURKE, 1992. p. 13).

Esta perspectiva historiográfica abriu para os professores de História a possibilidade de ampliação dos temas/conteúdos, fontes/recursos didáticos. Temas relacionados ao cotidiano dos alunos ficaram mais fáceis de serem desenvolvidos. Os recursos tecnológicos, como colocado acima, passaram a ser mais explorados como recursos de leituras sobre a História. Neste sentido também tentei realizar isto em minha prática do Estágio.

Então, diante de todas as transformações e ampliações nas abordagens historiográficas e no ensino de história, cabe ao professor (a) buscar nessas novas abordagens, abordar as diversas temáticas, possibilitando a aluno (a) interagir com esses, e a partir daí impregnar sentido a prática pedagógica cotidiana. Pois cabe a ele professor (a) criar estratégias, onde possibilite ao aluno (a) construir uma aprendizagem autônoma e inclusiva que problematiza o conhecimento sistematizado que é recebido, pois:

Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. “Ao professor cabe ensinar ao aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de história, temas em problemáticas”. (SCHIMIT, 2004. p.57)

Assim, “cabe ao professor à tentativa de desenvolver nos alunos o entendimento crítico da dinâmica, história, tornando-os sujeitos atentos à reflexão dos acontecimentos históricos, oportunizar aos mesmos a desmistificação da história dita oficial; aplicar a pedagogia da descoberta, de forma a elucidar e debater as várias problemáticas, referentes á

história, enfim, descobrir a história e o sujeito que somos, praticando a nossa cidadania, consciente de que estamos agindo historicamente” (FARIAS 1999, p. 363).

Dessa forma o professor (a) de história deve auxiliar o aluno (a) a construir seu próprio conhecimento, onde o aluno (a) construa conceitos e aplique-os em situações do cotidiano. Onde a aula de história possibilita a construção do saber histórico, através da relação interativa ente professor (a) e aluno (a), transformando essa prática no sentido do fazer histórico, onde ambos interajam nessa construção de novos conhecimentos, e não sejam meros executores dos saberes já produzidos.

O papel do professor (a) de jovens, é ajudar o aluno (a) a perceber os conhecimentos que já fazem parte de sua vida e sua importância no processo educativo, auxiliar no processo de apropriação, construção e transformação do conhecimento, auxiliá-lo na construção de uma visão crítica, aprender com o aluno (a) por meio de trocas de experiências a fim de reestruturar e sistematizar o conhecimento, lembrando que para tanto é necessário que se façam avaliações da realidade de que este aluno (a) faz parte, afim de que tenhamos como base a cultura regional, proporcionando, dessa forma, a apropriação da cultura universal.

Portanto, as leituras realizadas na disciplina de estágio, os debates realizados a partir destas e a minha experiência como estagiário de História, geraram reflexões teórico-práticas que discuto a seguir. Ensinar História passa ser, então, para mim, fornecer condições para que o aluno possa participar do processo de fazer História, principalmente pela valorização da diversidade dos pontos de vista.

5. O estágio supervisionado.

5.1. Caracterização da turma de Ensino Fundamental II

Realizei o estágio em turma do 9º ano, no turno da tarde. Uma turma que iniciou o ano letivo com 34 alunos, porém no momento de estágio apenas 30 alunos (as) frequentavam, os quais em sua maioria demonstravam ser comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem. Era um grupo de alunos que buscava adquirir novos conhecimentos, para que conseguissem tanto uma melhora na sua vida social como no ambiente de trabalho.

Alguns alunos convivem com uma realidade assustadora que é a violência no campo. Durante as aulas e em conversas pela escola ouvi diversos relatos de alunos sobre a triste realidade que eles convivem e são vítimas; como os trabalhos quase que obrigatórios realizados em casa e plantações de produtos agrícolas como frutas e verduras, criações de animais para serem vendidos e para o próprio consumo e da sua família. Pude perceber o cansaço físico de alguns alunos que tinham que percorrer longas distâncias a pé para chegar à escola. Percebi o quanto é importante conhecer o campo de estágio, os professores e principalmente os alunos. Ao conhecê-los pude pensar a escola de outra forma; cada escola é diferente, embora tenham também aspectos e desafios parecidos.

No caso desta escola, os alunos demandavam uma dedicação mais cuidadosa. Sabemos que, principalmente nestes casos, o/a professor(a) deve apoiar os alunos (as), e estar disposto a enfrentar as dificuldades como desafios, confiar na competência e na vontade de todos os educandos, de querer aprender e ensinar. É de grande importância despertar a autonomia dos alunos (as), incitá-los a examinar frequentemente seus avanços e suas privações, auxiliá-los a tomar consciência de como a aprendizagem se efetiva para, assim terem motivação para continuar estudando. Dessa forma a busca de situações de aprendizagens adequadas ao ensino necessita de um olhar que conduza a uma maior interação entre alunos (as) e professor (a) de forma a qualificar o ensino visando com isso à autonomia do aprendiz.

Segundo, Libâneo (1994, p. 249), “a interação professor-aluno é um aspecto fundamental da organização da situação pedagógica”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino. Onde professor (a) e aluno (a) constroem dialogicamente, novos conhecimentos e dão significados aos conteúdos e abordagens, realizando aprendizagens

significativas, contextualizando as aulas e principalmente, aproveitando os conhecimentos e experiências dos alunos (as) na educação de jovens e adultos, é de suma importância.

Afinal, em educação não se insiste sobre o conteúdo a ensinar e sim a aprendizagem de técnicas e meios para obter o conhecimento, ou seja, aprender a aprender. E isto é de fundamental importância quando se espera que desenvolvam determinadas habilidades, para que através destas, possam construir e desenvolver sua competência.

No ensino fundamental, destacadamente, deve-se dar valor a “aprendizagem histórica”, uma vez que os alunos (as) que ela acolhe, trazem a sua história de vida que se configura como o resultado das experiências que acumularam em suas vidas. E é dessas aprendizagens históricas que o professor (a), ao contextualizá-las, deve partir para um ensino no qual o conteúdo deve estar impregnado de significado, possibilitando a relação entre o cotidiano e o processo de conhecimento escolar.

Assim, tentei fazer tudo isto, a partir da compreensão do perfil dos alunos com quem eu convivia e para quem eu daria aulas de História.

5.2 Análises da prática de Estágio

O estágio foi um período onde tinha como objetivo reelaborar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas estudadas e desenvolvê-los, em diversas dimensões, na prática pedagógica, buscando firmar uma aprendizagem significativa para o aluno. Um período onde requereu muito de nós estagiários, onde encaramos pela frente todo o contexto de uma sala de aula, com todos os seus problemas, como cansaço, falta de motivação e interesse de alguns alunos (as).

Minha Regência foi desenvolvida a partir, primeiramente de minha observação do campo de estágio, possibilitando a compreensão do perfil dos alunos como coloquei anteriormente; do contato e diálogo com o professor regente da escola para depois elaborar e efetivar minhas aulas. Este processo foi importante para que eu fizesse o exercício da reflexão-ação-reflexão. A observação foi um momento em que estava inserido na sala de aula para observar os alunos (as) e a participação desses nas aulas, para planejar minhas atuações nessa sala de aula, para assim depois ministra-las como professor. Como Weffort (1996, p. 14) nos informa que,

Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, nem devolução, e muito menos sem encontro marcado... Observar uma situação pedagógica é olhá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela.

Assim, com as observações feitas pude ter base para pensar e desenvolver o planejamento. Mas tive que considerar todas as recomendações da professora da escola, que me deu a liberdade de usar outras formas de conhecimento sempre mantendo a utilização do livro didático como fonte primária.

O planejamento foi realizado de forma reflexiva, planejando enquanto se desenvolvia as atividades, e também de forma coletiva, muitas vezes, pois procurávamos nos encontros de socialização da prática, conversar sobre as atividades que deram certo e que não deram, para assim ter um planejamento em que o aluno (a) fosse o foco de todas as atitudes de nós formandos (a), onde o planejar das atividades não eram meras listas de conteúdos.

Assim, procurei planejar de forma a não me deter somente na quantidade dos conhecimentos a serem desenvolvidos e sim em saber o quê, o para quem, o para que e como ensinar. Desta forma, promover situações de aprendizagem que desafiassem os alunos (as) e a mim mesmo, através da exposição de imagens instigando os alunos a observação e descoberta de sentido e significado destas imagens, onde os alunos (as) foram estimulados a expressarem/utilizarem o que pensam e sabem sobre a aprendizagem. Ministrei aulas sobre os *regimes autoritários* que tomaram conta da Europa até a eclosão e sequencia da Segunda Guerra Mundial, e o resultado da guerra para os países envolvidos e as consequências da guerra para o mundo. As aulas seguiram fundamentalmente o livro didático conforme a orientação da professora regente. Porém, no planejamento e no desenvolvimento destas aulas também foram utilizadas outras leituras que, embora não materializadas na sala, mas nos debates e análises dos conteúdos.

Dentre as atividades propostas acredito que foram de forma significativa para a aprendizagem dos alunos (as), pois o objetivo da aula tinha como foco perceber se o aluno (a) aprendeu e com isso também ver se as atividades foram significativas. Sob a orientação da professora regente, uma estratégia foi a de elaborar atividades como questões para os alunos para perceber se o objetivo teria sido alcançado. Além disto, o próprio debate estabelecido a partir de instrumentos utilizados também ajudou a perceber se tudo estava dando certo.

Confesso que algumas intervenções por parte dos alunos (as) durante a aula me surpreenderam, uma vez que percebi que já tinham conhecimento prévio sobre os assuntos, o que contribuiu para a aprendizagem. Estas intervenções foram as que possibilitaram uma aprendizagem significativa aos alunos (as) com o surgimento de questionamentos, abordagens do conteúdo.

Por outro lado, houve também dificuldades como por exemplo, o questionamento sobre a minha competência por parte dos alunos em relação principalmente a minha idade e minha situação de aluno da universidade. Outra dificuldade foi fazer os alunos se expressarem; muitas vezes não consegui estabelecer um debate mais dinâmico como pretendia. Contudo, destaco que a atuação em sala de aula me deu a oportunidade de refletir, de analisar onde e como devo melhorar, pois mesmo já tendo contato com o contexto escolar, o estágio é sempre uma experiência diferente, onde o estagiário está sujeito a enfrentar situações inesperadas muitas vezes.

Durante o estágio foi possível, através das reflexões perceber estas questões, que no término da aula me faziam pensar e refletir sobre aquele momento vivenciado. Pois, como nos informa Weffort (1998, p. 44), “E, é nessa tarefa de reflexão que o educador formaliza, dá forma, comunica o que praticou, para assim pensar, refletir, rever o que sabe e o que ainda não conhece o que necessita aprender, aprofundar em seu estudo teórico”.

Certamente, posso dizer que o estágio foi um momento muito bom, que aprendi na prática que ensinar não se resume em passar conteúdos e sim interagir, ter humildade e amor naquilo que estava fazendo, por isso acredito que a prática teve significado tanto para mim como educador quando para os alunos (as).

Para evitar o afastamento dos alunos (as) à aula, procurei todo o tempo relacionar a realidade dos alunos (as) com o tema desenvolvido. Devido à experiência anterior de observação da turma, cujo período foi bastante importante, quando procurei anotar aspectos fundamentais do grupo, como a presença em sala, as curiosidades, os interesses, os desinteresses, pude tentar fazer esta ponte – presente/realidade dos alunos – passado/conteúdo estudado. Assim como SCHIMIT, acredito que:

Ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo de fazer, do construir a História. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom (...) nem mesmo como uma mercadoria que se compra bem ou mal (SCHIMIDT, 2004. p 57).

O conhecimento deve ser adquirido a partir de questionamento para o passado que responda inquietações do presente. Para tanto, as novas linguagens foram instrumentos importantes para aproximar estes alunos. Estas foram utilizadas de maneira que se somassem novos conhecimentos aos anteriores, fazendo assim com que o processo de aprendizado produzisse a construção do conhecimento através de debates acerca do tema. Sempre lembrando que não podemos entender a utilização do documento, texto, ou imagem como “prova real” daquilo que o professor (a) está trabalhando, ou seja, o documento e a imagem

servem para complementar as informações que o professor (a) esta apresentando sendo um facilitador para a compreensão melhor do aluno (a) onde o uso de imagens, documentos são recursos utilizados para estimular o interesse e a reflexão por parte dos alunos (as). A utilização desses recursos vem proporcionar o desenvolvimento de competências ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação das diversas fontes de épocas passadas e também do presente”.

Pensando assim, nas propostas para o trabalho em sala de aula, busquei a utilização de imagens sobre as guerras retiradas do próprio livro didático, como campo de batalha, as invenções tecnológicas como metralhadora e tanques de guerra como intuito de fazê-los perceber as consequências desta guerra no sentido da questão das exterminações em massacre a em função desta tecnologia. Isto os fez perceber a guerra sob outra perspectiva mais próxima. Vídeo sobre os dois lados do conflito (Aliados e Eixo), para que percebessem as diferentes versões da História. Além disto, vídeos sobre o efeito da bomba atômica pra o Japão e para o mundo.

Utilizando-me destes recursos procurei evidenciar como estes materiais contribuíram para desenvolver o saber fazer história: análise de fontes, abordagens, ponte presente-passado, construindo um novo saber a partir das considerações feitas pela classe somando o processo de aprendizado com o de construção do conhecimento. Para isso foi necessário entender que o material didático usado é um recurso útil, e quanto mais atraente aos alunos (as), mais resultados fornecerão, no entanto, é fundamental fazer a relação das mensagens que os recursos pretendem passar com aquilo que estudamos em outras fontes. Assim, busquei sempre perceber ou detectar interesses dos alunos e entender a realidade em que estavam inseridos, e como eram vistos e como se viam no ambiente escolar.

A minha intenção era construir um conhecimento que pudesse fazer sentido no processo de aprendizagem dos alunos (as). Segundo Wefforte, “Em história, pensamos ser uma educação de qualidade aquela que permita ao aluno construir em seu instrumento teórico tais que lhe possibilitem uma leitura, crescente objetiva da realidade social.” (2003. p. 159).

Assim, procurei explorar, as imagens de maneira criativa instigando sempre acerca da compreensão que os alunos (as) faziam daquela realidade passada pelas imagens, aliada à sua própria realidade de seu meio social. Ou seja, no momento, por exemplo, em que se discutiu a problemática da Guerra trazida pelas imagens, alguns alunos (as), observando sua própria vida contribuíram com elementos que extrapolavam as imagens.

Minha preocupação então se voltou não somente para a exploração do conteúdo formal, mas principalmente para as necessidades de discussão que estavam sendo

apresentados. Foi gratificante saber que os alunos (as) compreendiam que a história do passado, muitas vezes distante, revela pertinência à história presente, mais que isso, revela muitas questões pertinentes na história presente dos próprios alunos (as). Assim, o uso de recursos extras possibilita o maior interesse por parte dos alunos (as), este interesse é que possibilita a verdadeira construção do saber histórico.

Procurei fazer com que os alunos (as) compreendessem, em primeiro lugar, que a visão de cenários de guerras está relacionada a interesses políticos, e que não foi um processo distante de sua realidade, e compreender aspectos da sociedade daquele período faz-se importante para discutirmos a nossa realidade hoje.

Assim é que as releituras e conclusões elaboradas pelos próprios alunos (as) que se foi desenvolvendo um conhecimento e entendimento, sem o compromisso de esgotar todo o assunto ou revelar todas as verdades, até porque isso não seria possível. Mas, sim criar vínculos e desvelar as diferenças que existem entre sociedade separada por séculos. Esta percepção dos alunos foi revelada pelos próprios nos debates quando expressaram surpresas sobre a guerra em si e suas consequências. Os debates a partir dos diversos tipos de violências por eles observadas tanto em relação aos judeus como outros minoritários com os quais também se identificaram.

Fazer essas pontes e trazer para o presente, exemplos que nos remetem ao passado foi à forma que pareceu mais fácil e agradável para atrair a atenção do “público”, pois:

Para que escrever a história, se não for para ajudar seus contemporâneos a ter confiança em seu futuro e a abordar com mais recursos as dificuldades que eles encontram cotidianamente? O historiador tem, por conseguinte não, se fechar no passado e de refletir assiduamente sobre os problemas de seu tempo. (DUBY,1998. p.9)

Assim, toda tentativa de construir significados a partir da história foi uma experiência importante. Sinto-me gratificado com mais esta experiência que o curso de História me proporcionou. Pude reavaliar meus conhecimentos e apresentar-me diante de um público que exigiu de mim mais que mera reprodução do livro didático, fez com que eu crescesse como profissional e como estudante.

6. Considerações Finais

O estágio foi um período em que busquei vincular aspectos teóricos com aspectos práticos. Foi um momento em que a teoria e a prática se mesclaram para que fosse possível apresentar um bom resultado. E, sobretudo, perceber a necessidade em assumir uma postura não só crítica, mas também reflexiva da minha prática educativa diante da realidade e a partir dela, para que possa buscar uma educação de qualidade.

Tive a oportunidade de comparar, vivenciar e entender o sistema social em que o aluno está inserido de forma direta e clara. No entanto a maneira como se trabalha os conteúdos na sala de aula pelos professores de História me fez refletir sobre o período de estágio e profissão de professor a qual escolhi.

Acredito ser preciso ter uma postura efetiva de uma profissional que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado, que deve exercer o papel de um mediador entre a sociedade e a particularidade do educando, Onde devemos nele despertar a consciência de que ele não está pronto, aguçando nele o desejo de se complementar, capacitá-lo para que esse desenvolva a sua capacidade crítica e construtora de conhecimentos. Fazer isso é o grande desafio que o formando (a) encontra no estágio, e que encontrará durante sua vida profissional. Busquei a cada momento ser mais que professor, busquei fazer com que meus alunos (as) percebessem que o conhecimento não está pronto e acabado, mas que a cada intervenção e novas abordagens é que vamos construindo novos conhecimentos.

A escola tem a tarefa de causar estranhamento e fazer refletir sobre os modos de compreender o mundo construídos pelas gerações anteriores, como esses valores se materializam no cotidiano e como em forma de aprendizado.

Mas sem dúvida o meu aprendizado foi imenso, mesmo terminando exausto e chateado com as conversas paralelas. Pelos pontos positivos e negativos foi uma experiência inesquecível.

A experiência adquirida em sala de aula, fez com que de agora em diante, eu compreenda melhor a teoria e prática do ensino, ou seja, posso ver o processo ensino-aprendizagem por outro ângulo. Onde o educador deve ter sensibilidade e conhecimento para educar e não simplesmente repassar conteúdos, mas uma sensibilidade para gerar o conhecimento e transformar a realidade do aluno (a).

6. Referências.

- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº 15/98. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.**
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo. Editora UNESP, 1992
- DUBY, Georges. **Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos.**São Paulo.Editora UNESP, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino: experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas- SP, Papiros, 2003.
- KELSON, Adriane. O professor de história e o drama de ensinar. In: XX Simpósio Nacional de História. **História e Fronteiras.** Florianópolis, ANPUH, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo. Cortez, 1994.
- PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2010.
- Projeto Araribá:** história / organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável: Maria Raquel Apolinário. – 3. ed. São Paulo: Modena, 2010.
- SALGADO, Maria Umbrelina Caiafa.**Tecnologias da educação: ensinado e aprendendo com as TIC.** Brasília: 2008
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo. Editora Scipione, 2009.
- SÔNIA, M.Leite Nikitiuk. **O ensino de História e a criação do fato.** org.7ªedição. São Paulo, Cortez, 2009.
- WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira.** Edição 5ª. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2003.
- WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, registro, reflexão.** Instrumentos metodológicos I. 1996. Série Seminários: publicações do Espaço Pedagógico.
- Vídeo. Gênero: Documentário
- Direção: Dacio Nitrini, Luiz Gonzaga Mineiro
- Elenco: Boris Casoy
- Ano: 2001
- País: Brasil
- Cor: Colorido
- Estúdio: Rede Record
- Classificação: Livre